

As questões de identidade no ciberespaço em condições pós-modernas

RAMALHO, Ricardo de Oliveira
GARCIA, Flávia Júnia Justino Pacheco
LIMA, Geraldo Gonçalves de

Resumo: O ciberespaço é o espaço criado pela interconexão mundial de computadores que possibilitou e acelerou a transmissão de informações, assim como a interação entre as pessoas. Nesta perspectiva, este artigo objetiva, por meio da pesquisa bibliográfica, promover reflexões pelo viés das condições pós-modernas, quanto a algumas transformações e alguns importantes deslocamentos em operação no mundo atual, relativos às condições sob as quais tratamos de organizar nossas formas de viver influenciados pelo ciberespaço. Os fundamentos teóricos do estudo foram baseados, sobretudo em Lévy (2010); Bauman (1997); Moraes (1996). Os resultados apontaram que existem crises em relação à identidade na era pós-moderna em todos os espaços e especificamente no ciberespaço não é diferente. São necessárias ações que conduzam os sujeitos e suas identidades a um patamar maduro que promova um bem estar social perene.

Palavras chave: Identidade, Ciberespaço, Pós-modernidade.

Abstract: Cyberspace is the space created by the worldwide interconnection of computers that enabled and accelerated the transmission of information, as well as the interaction between people. In this perspective, this article aims, through bibliographical research, to promote reflections on the bias of postmodern conditions, on some transformations and some important shifts in operation in the world today, concerning the conditions under which we try to organize our ways of living inflected by cyberspace. The theoretical foundations of the study were based mainly on Lévy (2010); Bauman (1997); Moraes (1996). The results pointed out that there are crises in relation to identity in the postmodern era in all spaces and specifically in cyberspace is no different. Actions are needed that lead the subjects and their identities to a mature level that promotes perennial social well-being.

Key words: Identity, Cyberspace, Postmodernity.

Introdução

Fluidez” é a qualidade de líquidos e gases. (...) Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. (...) Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam” (...) Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase (...) na história da modernidade
(BAUMAN, 2001)

Este artigo tem como proposta analisar as questões de identidade no ciberespaço. O ciberespaço é o espaço criado pela interconexão mundial de computadores que possibilitou e acelerou a transmissão de informações, assim como a interação entre as pessoas. A inquietação para essa análise surgiu durante o Seminário da disciplina Epistemologia e Ciência da educação, do Mestrado em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro¹, em que tivemos a oportunidade de debater obras e temas que despertaram nossa curiosidade sobre a relação entre a noção de identidade no ciberespaço na era pós-moderna.

Nesse sentido, buscamos analisar pelo viés das condições pós-modernas, algumas transformações e alguns importantes deslocamentos em operação no mundo atual, relativos às condições sob as quais tratamos de organizar nossas formas de viver. Tais deslocamentos vão sendo apontados ao longo do artigo no sentido de situar determinadas características próprias daquilo que poderíamos chamar de pós-modernidade, enfatizando determinadas transformações nas formas de conduzirmos nossas vidas para colocar em questão algumas contingências dos ciberespaços que nós habitamos e que nos habitam, fazendo do nosso mundo e de nós, o que somos atualmente.

1. Metodologia

A abordagem dessa pesquisa é de natureza qualitativa. Segundo Lakatos (1992, p. 270), a metodologia qualitativa “analisa e interpreta aspectos mais profundos e descreve a complexidade do ser humano, fornecendo particularidades sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências do comportamento humano”. Segundo Menga (1986 apud LAKATOS, 1992, p. 271), a pesquisa qualitativa “é o que se desenvolve numa situação natural, é rica em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

Quanto aos objetivos, essa pesquisa é explicativa, pois visa explicar os fatos que definem ou contribuem para o acontecimento dos fenômenos. De acordo

¹ As aulas em questão foram ministradas para a Turma IV do Programa de Mestrado em Educação Tecnológica do IFTM, pelo Professor Doutor Geraldo Gonçalves de Lima.

com Gil (1999, p. 44), essa modalidade de pesquisa “é a que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica os motivos, a razão e o porquê das coisas”.

Quanto ao delineamento, essa pesquisa é bibliográfica. Gil (1999, p. 65) preconiza que a pesquisa bibliográfica tem como vantagem o “fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Dessa forma, objetivamos analisar pelo viés das condições pós-modernas, algumas transformações e alguns importantes deslocamentos na identidade, sobretudo aqueles relativos às condições sob as quais tratamos de organizar nossas formas de viver e interagir.

2. Discussões

As grandes transformações que aconteceram nos séculos XIX e XX alteraram nossa maneira de comunicar, interagir, trocar, acumular e até nossa forma de produzir conhecimento. A crise de paradigmas ocasionada pelas novas descobertas da física quântica estabeleceu um novo horizonte e o mundo natural que era apreendido como um ordenamento teve suas certezas científicas abaladas; pois o átomo, partícula antes vista como indivisível é concebida com um novo olhar e com comprovações científicas, que mostram sua natureza imprevisível (MORAES, 1996).

A movimentação das partículas no interior do núcleo atômico vai caracterizar o que Heisenberg chama de “princípio da incerteza”. Moraes (1996, p. 60) preconiza que “em decorrência desses novos e importantes fatos, surgiu uma nova visão de mundo muito mais ampla e com profundas implicações no processo de construção do conhecimento científico e em nossas vidas como habitantes do planeta terra”.

Nesse contexto de mudanças, as tecnologias de informação e comunicação (TICs) vão surgir na metade da década de 1970, imbricadas com o contexto da terceira revolução industrial e da revolução das telecomunicações. É notório que elas colaboraram para o processo de aceleração e para as mudanças ocorridas nas últimas décadas. Moran (1995, p. 25) afirma que “cada inovação tecnológica bem-sucedida modifica os padrões de lidar com a realidade anterior”. Dessa forma, a visão de mundo, a forma como lidamos com a realidade e como interagimos são modificados e novas formas de interagir, trocar, armazenar e produzir conhecimentos são criados a partir da inserção nessa nova realidade.

Fróes em seu artigo: “A relação Homem-Máquina e a questão da cognição” reitera que:

A tecnologia sempre afetou o homem: das primeiras ferramentas, por vezes consideradas como extensões do corpo, à máquina a vapor, que mudou hábitos e instituições, ao computador que trouxe novas e profundas mudanças sociais e culturais, a tecnologia nos ajuda, nos completa, nos amplia. Facilitando nossas ações, nos transportando, ou mesmo nos substituindo em determinadas tarefas, os recursos tecnológicos ora nos fascinam, ora nos assustam (p. 56).

Dessa maneira, é possível perceber que as tecnologias fazem parte desse processo de conhecer o mundo, buscar compreendê-lo, desenvolver artefatos que facilitem a vida, que nos possibilite agir sobre o mundo e produzir a própria existência. A esse respeito Marx e Engels (1998, p. 10-11) preconiza que “[...] ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material”.

Podemos afirmar que esse processo é ontológico, visto que o homem ao produzir os meios de sua sobrevivência, ele também constrói a si mesmo, construindo sua identidade. Saviani (2007, p. 154) preceitua que “os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la”, interagindo com o outro, dividindo experiências, buscando soluções e aprendendo. Nesse processo educam-se e passam às novas gerações os conhecimentos necessários para sua subsistência.

Sendo assim, na interação com seus pares o homem aprende e transmite os conhecimentos adquiridos na sua prática social. A apropriação da tecnologia não prescinde desse processo, ao contrário, é de grande valia na troca de conhecimentos para melhoria da vida em sociedade. Freire (1987, p. 39) preconiza que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Nesse processo de troca e aprendizado mediatizados pelo mundo, manipulando os objetos, os homens elaboram, descobrem, reconstróem, concebem teorias, criam utensílios e inventam instrumentos para facilitar sua vida em sociedade (MARX; ENGELS, 1998). Uma dessas invenções que integraram as mudanças supracitadas é a internet.

Com a internet temos o surgimento do Ciberespaço. Lévy preconiza que a palavra ciberespaço foi criada em 1984 por William Gibson e foi citada a primeira vez em seu romance de ficção científica *Neuromancer*. Para Lévy (2010, p. 94) esse termo designa “o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural”. O termo se popularizou e foi instantaneamente utilizado pelos usuários e criadores de redes digitais.

Para Lévy (2010, p. 94) a definição de ciberespaço é “o espaço aberto pela interconexão mundial de computadores”. E tudo que inclui esse espaço é ciberespaço, como a rede de sistemas de comunicação eletrônica. A digitalização crescente de informações tornou o ciberespaço o principal canal de comunicação e de suporte da humanidade. A todo minuto novas pessoas se conectam à Internet e novas informações são inseridas na rede. Quanto mais esta rede se expande, mais universal e menos totalitária ela se torna, uma vez que ela aceita tudo e todos e conecta qualquer ponto a qualquer outro ponto.

Dessa forma, o ciberespaço possibilitou o acesso a distância e a transferência de arquivos; melhorou as trocas por meio do correio eletrônico; possibilitou as conferências eletrônicas; o surgimento do groupware, que são dispositivos que facilitam os trabalhos em grupos e coletivamente, em que todos podem par-

tipicar ativamente do processo; permitiu a criação e a expansão da comunicação nos mundos virtuais compartilhados (jogos, redes sociais, grupos de estudos, etc); melhorou a navegação na internet; possibilitando a criação de diversos sites, plataformas de ensino, o que levou a internet a se tornar um imenso hipertexto com conexões diversas e com imensa fluidez.

O ciberespaço somente é possível graças à interconexão, pois é ela que permite que pessoas compartilhem informações e se interliguem com pessoas de vários lugares. Quanto mais as pessoas se conectam, maior é a necessidade da evolução da interligação. E, por sua vez, o avanço da interconexão, as melhoras nas taxas de transmissão, resulta no aumento das conexões e compartilhamento de informações. Em outras palavras, o ciberespaço é “alimentado” pelas comunidades virtuais apoiadas na interconexão.

Mas esse acesso ilimitado e essa conexão modificou nossa visão de mundo. Essa nova visão de mundo intitulada como paradigma emergente por Moraes (1996), vai modificar nossa forma de ser, viver, interagir, produzir conhecimento e até nossas identidades passam por um processo de reconfiguração. Essa nova forma de ser e estar no mundo, desestabilizou nossa noção de identidade, tornando nossas relações mais fluidas.

Bauman (2005, p. 17) afirma que “a noção de identidade, bem como o pertencimento não são sólidos como uma rocha, não são garantidos por toda uma vida, são na verdade bem negociáveis e podem se tornar nulos”. Ele ainda afirma que “as decisões, as rotas e a maneira de agir do indivíduo e sua firmeza em relação a tudo isso são determinantes para a questão da identidade e do pertencimento”.

As relações humanas e de identidade no ciberespaço apresentam como universo característico a uma assembleia em que os consideráveis diálogos públicos, estruturam-se, de forma substancialmente modificada nesta era do conhecimento e informação. Dentro desse contexto, as variadas utilizações do ciberespaço desvelam-se sob o fundamento de afinidades e valores culturais, com outras conexões, estruturando redes de mobilização e troca que se sustentam, sobretudo pelo seu dinamismo. Acarretam, assim, as interações humanas em movimentos sociais antigos, na essência, mas inovadores na dinâmica e forma que assumem, na implementação da cibercultura como marca das identidades contemporâneas.

As interações multiculturais, por sua vez, compondo a cibercultura pelas trocas simbólicas no ciberespaço, resultam nos contornos da ágora eletrônica em que se processam as manifestações do público e do privado e múltiplos exercícios de expressão que dão visibilidade aos sujeitos e segmentos sociais. Em um contexto de descentramento, de atopia, flexibilidade e dinamismo, emergem múltiplas vozes (VELLOSO, 2008, p.108).

Evidentemente, a estrutura atual da sociedade cumpre um papel essencial na formulação dos métodos utilizados na comunicação, como expressão do exercício interacionista na esfera social da contemporaneidade.

2.1 O “Xis” da Identidade na era pós-moderna.

Liberdade. Se for possível indicar o cerne da questão de identidade na era pós-moderna quanto ao que considerariamos incômodos da contemporaneidade, esta idéia com certeza é a de liberdade que se tornou uma imprescindível exigência atual diferentemente das inquietações ao longo do século XX, que se estruturaram pela demasiada aspiração de controle e ordem.

Nesse sentido, Bauman (1997) assevera que a chegada da modernidade se deu com o fomento pela ordem como um fator capaz de edificar um mundo estável, seguro, coerente, puro e sólido. Desta forma a “pseudo” descrição exata e a definição, organização e classificação de todos os aspectos da vida foram as mais relevantes pretensões modernas. Nesse sentido, elevariam significativamente as chances de intervenção no mundo, uma vez que estivesse totalmente descoberto e explicado, objetivando-lhe devolver uma ordem que seria pura e inquestionável. O mundo moderno ideal seria aquele sobre o qual conseguíssemos ter o maior controle possível.

Bauman (1997) adverte que não podemos contar com a promessa de segurança que serviu como um dos pilares modernos de um mundo perfeito. Em vez dela, presenciamos uma profunda ansiedade que se faz tão mais presente quanto à necessidade de interconexão propiciada pela rede internacional de computadores.

A incerteza e a insegurança que ocupam lugares centrais nos modos de vida atuais estão intimamente interligadas ao fato de que, hoje, a organização dos (ciber)espaços e o controle da ordem estão passando por um gradativo e intenso processo de desregulamentação. Bauman (1997) chama de a nova desordem do mundo: “o que quer que venha a tomar o lugar da política dos blocos de poder assusta por sua falta de coerência e direção e também pela vastidão das possibilidades que pressagia” (p.33). A solidez da estrutura da ordem moderna, em que as ações humanas podiam encontrar certezas e portos seguros, deslocam-se para a pós-moderna sensação flutuante de ser. A perspectiva a partir da qual Bauman trabalha põe em discussão a idéia de que, em nossa época contemporânea, a liberdade não tem feito outra coisa melhor que sobrepor camadas sociais, “a liberdade de escolha, eu lhes digo, é de longe, na sociedade pós-moderna, o mais essencial entre os fatores de estratificação. Quanto mais liberdade de escolha se tem, mais alta a posição alcançada na hierarquia social pós-moderna”. (BAUMAN, 1997, p.118).

Essa liberdade tão divulgada, que é freneticamente buscada pelas coletividades humanas na pós-modernidade tem desestruturado nossa noção de identidade. Sobre essa questão, Hall (2006) explicita que a sociedade atual enfrenta uma crise de identidade na pós-modernidade. De acordo com ele, essa crise advém das transformações, do dinamismo, do crescimento e expansão das telecomunicações, das redes digitais e da globalização pela qual o mundo tem passado. Essas transformações tem fragmentado nossas identidades, desestruturando nossos valores e até a ideia que temos em relação a nós mesmos.

Com essa busca frenética pela liberdade, uma cultura muito difundida nas redes sociais é a exposição da intimidade. Sibilia (2016, p. 61-62) defende que ao publicar sua intimidade na rede o usuário está escrevendo uma autobiografia, é “a estruturação da própria vida como um relato”. A autora faz uma análise crítica desse movimento e assevera que

é notável a atual expansão das narrativas biográficas: não apenas na internet, mas nos mais diversos meios e suportes. Uma intensa “fome de realidade” tem eclodido nos últimos anos, um apetite voraz que incita tanto à exibição como ao consumo de vidas alheias e reais. Além de terem se multiplicado até os paroxismo, os relatos desse tipo recebem grande atenção do público (SIBILIA, 2016, p. 62).

Nessa perspectiva, é notório que a intimidade deixou de ser um espaço privado do indivíduo para se tornar algo público, pois é assim que muitas pessoas conseguem atingir fama e despertar a atenção do público. Essa necessidade de exposição e a perda da intimidade vai gerar um conflito, visto que o usuário precisa monitorar sua exibição, seu show particular, portanto, vai criar muitas vezes uma intimidade fantasiosa, irreal.

Seus testemunhos podem ser em muitos casos inventados, falsos, gerando uma hipocrisia e um narcisismo que vai abalar a identidade e causar conflitos íntimos, visto que isso vai gerar uma necessidade e uma vontade de sempre estar feliz, de estar em lugares bonitos, com pessoas importantes para gerar posts, curtidas e comentários, com vistas a exibir uma felicidade que de fato, não é real. Essa necessidade de estar sempre feliz vai gerar uma ditadura da felicidade.

Essa abundância de relatos autobiográficos que prolifera nas redes digitais relembra a efervescência dos diários no século XIX. Nos diários havia a necessidade da discrição, muitos tinham cadeados, visto que era importante resguardar a intimidade e manter sob discrição os segredos outrora revelados. Essa transição do papel e caneta para os clássicos diários eletrônicos, não muda apenas o suporte, mas modifica a nossa subjetividade, transforma nossas identidades.

O leitor e escritor dos séculos passados necessitava da solidão do seu quarto, dos espaços de silêncio e solidão para criar, escrever, ler e produzir. Segundo Sibilia (2016, p. 102) “esse indivíduo que lê e escreve sozinho, concentrado e ensimesmado num ambiente livre de ruídos e outros intromissões, atividades que se tornaram essenciais para a formação de sua peculiar subjetividade”, essa solidão, essa necessidade de um ambiente restrito auxiliava na constituição do sujeito, em seu autoconhecimento e na produção de sua subjetividade e identidade.

Na atualidade o leitor e escritor necessita tornar pública sua intimidade, tem vício pela aprovação alheia, precisa das curtidas, comentários e emojis para se sentir feliz. Como Foucault (1977, p. 59) denuncia “tanto a ternura mais desarmada quanto os mais sangrentos poderes têm necessidade de confissão”. Foucault (1977) explica que o homem do Ocidente para constituir sua identidade tornou-se confidente.

Do simples hábito de contar histórias o homem agora tem necessidade de buscar no mais profundo da sua intimidade narrativas que o desvende, que o desvele, que o explique e com elas ele tece sua identidade, que para ser tecida, construída necessita do outro para constituir-se como sujeito na pós-modernidade, em que nossas identidade são fluídas.

Nessa perspectiva, é muito importante que professores e educadores estejam aptos a discutir esses temas em sala de aula para levar os alunos a uma reflexão sobre a exposição da intimidade e sobre os problemas ocasionados pela navegação excessiva nos ciberespaços. Nesse sentido, é necessário não analisar somente os aspectos positivos do ciberespaço e da cibercultura, mas também fazer uma análise crítica dos temas. Não podemos ser ingênuos e pensar que tudo que é realizado no ciberespaço é bom. Lévy (2010, p. 12) afirma que pensar assim “seria tão absurdo quanto supor que todos os filmes sejam excelentes”.

O que propomos é que estejamos abertos para analisar esse movimento que surge com a interconexão mundial de computadores, que busquemos compreender como ele tem afetado nosso modo de ser, viver, estar no mundo e produzir cultura. O rápido avanço do ciberespaço também trouxe para a comunidade mundial outros problemas. Lévy (2010) cita alguns desses problemas:

- a) Formas de isolamento e de sobrecarga cognitiva (estresse gerado pelo excesso de comunicação e de horas diárias dispensadas em frente ao computador);
- b) Formas de dependência (vícios de todas as matizes: em jogos, em bate-papos, em redes sociais, em comunidades virtuais);
- c) Formas de dominação (em que os centros de decisão e controle são dominados por aqueles que detêm o capital: as potências econômicas);
- d) Formas de exploração (trabalho vigiado, monitorado 24 horas por dia, perda da intimidade e do lazer);
- e) Formas de bobagem coletiva (notícias fúteis, acúmulo de dados sem informações importantes, televisão interativa).

Todas essas questões crescem de forma acelerada no ciberespaço, alterando cada vez mais nossa vida em sociedade e consequentemente nossa identidade. O que também podemos constatar em Castells:

(...) os movimentos sociais do século XXI, ações coletivas deliberadas que visam a transformação de valores e instituições da sociedade, manifestam-se na e pela Internet. O mesmo pode ser dito do movimento ambiental, o movimento das mulheres, vários movimentos pelos direitos humanos, movimentos de identidade étnica, movimentos religiosos, movimentos nacionalistas e dos defensores/ proponentes de uma lista infindável de projetos culturais e causas políticas. (CASTELLS, 2003, p. 114).

Dessa forma, finalizamos propondo uma reflexão e com ela uma tentativa de alertar nossos alunos, e pessoas em geral sobre como utilizar de forma cons-

ciente o ciberespaço e sobre a cultura que estamos auxiliando a criar, levando-os a refletirem sobre a tecnologia e como ela tem afetado nossas relações, nosso modo de ser, estar e conviver em sociedade, para que todos façam uso consciente e crítico deste grande recurso.

Considerações finais

O ciberespaço não representa por si próprio, prerrogativa de liberdade democrática e igualdade. As interações com as atuais interfaces conduzem as realizações humanas a novas possibilidades e desafios, o que afeta diretamente os sujeitos e suas respectivas identidades.

Para essas e outras questões, este artigo é um convite ao pensar. Concor damos com Bauman que o fator primordial nos dias de hoje é dar conta de uma desmontagem acelerada da sociedade e da vida humana na contemporaneidade, caracterizando uma “modernidade líquida” dentro e fora dos ciberespaços.

A modernidade é fluida, tal como os líquidos que se caracterizam pela inaptidão de manter a forma. Tudo é passageiro, transitório e descartável. A essa demasiada mobilidade, e informações, instaura-se, no indivíduo, um sentimento não só de insuficiência, como também de mediocritização das experiências, perdas e crises de sua própria identidade. Em outras palavras, a vida assemelha-se como uma desmontagem dos espaços possíveis, no contorno sempre insatisfatório do próprio corpo, imagem, na fragilidade e precariedade das relações amorosas e afetivas, na banalização do “eu te amo” em uma vida em constante insegurança, mas que tenta se mostrar incansavelmente perfeita nos ciberespaços.

Nesse sentido torna-se necessário prospectar ideias que de alguma forma estejam à frente do tempo e que possam talvez ressignificar alguns costumes contemporâneos, com o intuito de promover ações que conduzam os sujeitos e suas identidades a um patamar maduro que fomente um bem estar social perene.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luíza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: A vontade de saber**. Trad. Maria

Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRÓES, Jorge R. M. **Educação e Informática: A Relação Homem/Máquina e a Questão da Cognição**. Disponível em: <http://edu3051.pbworks.com/f/foes+cognicao_aula2.PDF> Acesso em: 10 jan. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1992.

_____. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: Para uma antropologia do ciberespaço**. Tradução Fátima Leal Gaspar e Carlos Gaspar. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1998.

_____. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Trad. Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas**. Em aberto, Brasília, ano 16, n. 71, abr/jun. 1996.

MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e o reencantamento do mundo. **Revista Tecnologia Educacional**. Rio de Janeiro, vol. 23, n.126, p. 24-26, set/out, 1995.

SAVIANI, D. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação, Campinas, v.12, n.32, p. 152-180, jan./abr. 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>.> Acesso em 08jan2018.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

VELLOSO, Ricardo Viana. **O ciberespaço como agora eletrônica na sociedade contemporânea**. Ci. Inf., Brasília, v. 37, n. 2, p. 103-109, maio/ago. 2008

-RicardodeOliveiraRamalho: CV:<http://lattes.cnpq.br/0559083211415956>

- Flávia Júnia Justino Pacheco Garcia: CV: <http://lattes.cnpq.br/7143125052067245>

- Geraldo Gonçalves de Lima: CV: <http://lattes.cnpq.br/4017014612887322>